



## O ESPÍRITO

Rompeu-se a grade.

2 Pássaro livre plana, plana...

No solo profundo,  
partiu-se o grilhão de pedra.

5 A fonte corre, corre...

O livro continha letras enfileiradas,  
correntes encarcerando a ideia.

8 Mas a ideia era chama e fugiu...

(\*) Contista, romancista, e poeta do grupo dos «novíssimos», cursava o 5º ano da Faculdade de Direito de S. Paulo, quando desencarnou. Nos últimos tempos de ginásio, colaborava nos jornais de Itápolis. Depois encetou a publicação de poesias e contos nos periódicos *Álvares de Azevedo*, *Tribuna Liberal*, *XI de Agosto*, etc. Orador oficial da Associação

Cântico que persistes nas lonjuras do céu,  
onde a garganta que te soltou a melodia das masmorras de  
[sombra

para a festa dos sóis?

Perfume que vagas, aéreo,

onde a flor que te vazou a essência da terra limitada

para o espaço infinito?

Quem és, luz que esgarçaste a bruma de todas as prisões?

16 Ave, regato, pensamento, som, aroma,  
tudo que voa no sem fim,  
alga consciente e imóvel, no oceano do tempo,  
sou eu,

o Espírito que transcende os estágios da carne e as máscaras  
[da morte,

para ser em triunfo

22 o pólen do Universo!

Acadêmica «Álvares de Azevedo», aos 19 anos já «era o representante intelectual do corpo discente da Faculdade» (apud Xangô e..., pág. 12). Em 1936, foi eleito presidente da referida Associação Acadêmica. Redigiu, com Osmar Pimentel e Mário da Silva Brito, a folha universitária *Anhanguera*. Participou do movimento intelectual da «Bandeira», chefiado por Cassiano Ricardo e Menotti del Picchia. Membro da Academia de Letras da Faculdade. Ulisses Guimarães (apud Dic. Aut. Paul., página 469) disse que ele «foi um lírico, como tal eminentemente subjetivo». «Seus poemas,» — escreveu Dulce Salles Cunha (Aut. Contemp. Brasileiros, pág. 229) — «em geral muito pessoais, são quase todos isentos de senões.» (Itajobi, Est. de S. Paulo, 21 de Agosto de 1916 — S. Paulo, Est. de S. Paulo, 23 de Dezembro de 1937.)

BIBLIOGRAFIA: Xangô e Outros Poemas, obra póstuma.

2-5. Observe-se o ricochete nos dois versos: «Pássaro livre, plana, plana...» e «A fonte corre, corre...»

8. Epanástrofe: «...encarcerando a ideia./Mas a ideia...» Cf. Dic. Gramatical — Português, Prof. Francisco Fernandes.

16. Cf. nota nº 4-11, pág. 58.

22. Dentro dos moldes modernistas, «O Espírito» guarda aquela beleza das coisas transcendentais. «Pólen do Universo — o Espírito» — imagem das mais admiráveis; «soltar a melodia das masmorras de sombra para a festa dos sóis»; «esgarçar as brumas de todas as prisões» — são versos que pelo



## EU SÔ

- 23 Eu só e o surdo mundo...  
O leito me veste em branco.  
As cadeiras repousam em branco.  
As paredes estão levantadas em branco,  
sustentando o teto parado, em branco.  
As janelas talhadas em branco  
deixam passar o vento gárrulo e brincalhão,  
que desliza sem cor.  
As cortinas, parecendo longas mãos brancas,  
engastadas nos braços rijos da porta,  
acenam adeus, em branco.
- 34 Eu só e o surdo mundo...  
Quero fitar os rostos que me cercam,  
mas vejo apenas semblantes graves,  
semelhantes a camafeus de cobre em placas de alumínio.  
Quero gritar o terror do desconhecido,  
mas a boca foi trancada pelas chaves da névoa muito branca  
que me envolve de todo...  
Falam sòmente em mim as grossas gotas brancas  
que me rolam da face.

- Eu mudo e o surdo mundo...  
Depois de muitas horas da expectativa em branco,  
45 na vazante branca em que ainda respiro,  
surge a enchente das sombras.  
Tudo crepeia em torno...

seu poder imagístico e dinamismo expressivo por si sós revelam a perícia do poeta para contagiar o espírito do leitor com o belo que dimana de seus versos livres. Aliás, Pero Neto preenche a finalidade do poeta: "fixar a beleza que passa", com a diferença de que ele fixa, agora, a beleza que nunca passará — o Espírito.

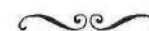
23-34. Observem-se, versos mais abaixo, as variantes do antecanto — "Eu só e o surdo mundo".

45. Digno de nota o gosto obsessivo do poeta pelo vocábulo "branco", chegando a praticar, quase, a batologia.

Céus! Não sou Deus  
que traduz a noite em poema de estrelas,  
nem pirilampo humilde que acende a lanterna lucilante...

- Eu cego e o surdo mundo...  
52 Levanto-me, tato, choro, clamo, esmagado pelas mãos invisíveis  
[da escuridão,  
por muito tempo...

De improviso, porém, nova luz rasga as trevas, e os fotônios,  
que me atingem as pupilas cansadas, dizem-me sem palavras  
para que me aquiete,  
anunciando, por fim,  
que Deus é meu pai  
e que a Vida é minha mãe,  
guardando-me nos braços,  
para sempre, para sempre!



52. Atente-se na dinamização expressiva dada pelo assíndeto.